

EDUCAÇÃO DIGITAL HUMANIZADA: BASES E CONCEITUAÇÃO*

Fabio Batalha Monteiro de Barros

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET-RJ

fabiobmb@gmail.com

Resumo

O presente texto defende a existência do conceito de Educação Digital Humanizada (EDH). A partir da análise dos conceitos relacionados ao cuidado, ao diálogo, à problematização, à liberdade e à autoria, dentre outros, procura-se defender a existência da EDH em contraponto às propostas de educação digital massificadoras, alienantes e por isso desumanizadoras. Conclui-se sobre a necessidade de ampliação do debate sobre formas de incorporação da EDH no cotidiano da educação formal e informal.

Palavras-chave: educação digital humanizada; problematização; humanismo; educação digital; elearning

I-Introdução

A incorporação tecnológica no campo da educação tem suscitado temores por parte de professores e alunos quanto à baixa qualidade, massificação das formações e inclusive substituição (desemprego) de docentes.

Embora o acesso à tecnologia educativa seja considerado importante, e a desigualdade de acesso possível indicador de exclusão social, é importante qualificar e aprofundar esta discussão a respeito de qual educação digital pretende-se, a serviço de quem e com quais objetivos.

Com as novas tecnologias de comunicação e informação novos desafios pedagógicos vem sendo lançados. Do ponto de vista prático, nota-se grande ênfase na reprodução de conteúdos fragmentados, com privilégio da memorização de curto prazo em detrimento de outras habilidades cognitivas como a capacidade de aplicação, análise, avaliação e criação, conforme descrito na taxonomia de Bloom (TREVISAN, AMARAL, 2016).

Como destaca Moran (2008), com a incorporação tecnológica por escolas e universidades, temos visto a multiplicação de um modelo centrado no professor, na transmissão da informação, do conteúdo, e na avaliação dos conteúdos memorizados. Para o mesmo autor, seria preciso investir em um modelo de educação com incorporação tecnológica com foco na aprendizagem, na pesquisa, no aluno e na colaboração entre pares.

*XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online

Para Borges (2017), a educação teria papel fundamental no processo de humanização do ser humano. “O homem deve aprender a ser homem ou não o será” (p.105). O processo de humanização é social, histórico, dependente das relações, construído pela apropriação da cultura e do trabalho, da ação do homem na realidade. Neste sentido, a falta de consciência sobre a realidade, ou seja, a alienação do homem, é um processo de desumanização do mesmo.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, destaca o papel principal da pedagogia libertadora em humanizar o homem a partir da consciência crítica de sua história e presença no mundo.

[...] se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (FREIRE, 1987, p. 127).

A educação, historicamente, pode ser tanto instrumento de alienação, de desumanização, quanto de humanização, do “Ser mais”. Uma das possibilidades de uso da Educação Digital é a ampliação em larga escala do processo educativo. Tal complexidade contemporânea da utilização das novas tecnologias, em especial a internet e as plataformas educacionais online trazem reflexões sobre que tipo de educação desejamos e a que interesses atendem.

II-Desenvolvimento

“A Educação Digital Humanizada é aqui definida como o processo educativo que se utiliza de meios digitais interativos, em especial a internet, norteado por princípios humanistas, que privilegia a utilização de metodologias ativas centradas na aprendizagem do aluno e em suas relações com os demais, sua comunidade, meio ambiente e social. [...] subordina os conteúdos e objetivos de aprendizagem das diferentes ciências e saberes à problematização da realidade, em uma visão holística, com ênfase na criatividade, na ética do cuidado, no pensamento crítico, na colaboração, na autonomia, no diálogo, na resolução de problemas e na transformação social.” (BARROS, 2018)

O objetivo deste texto é defender a existência do conceito de Educação Digital Humanizada (EDH), a partir da análise de seus conceitos chaves constituintes. A EDH pode ser utilizada em modelos de ensino com maior ou menor utilização de tecnologia*, sendo aplicada em uma aula, em um curso, sistemas de ensino, projetos pedagógicos e outros, tanto na educação formal quanto informal.

*Ao invés das classificações de ensino presencial, à distância, híbrido e outros, prefere-se aqui referir-se a diferentes gradações de utilização de tecnologias como mediadoras do processo educativo.

A seguir serão discutidas a contribuição de cinco conceitos-chaves para a existência da EDH: Dimensão do cuidado; Diálogo colaborativo; Liberdade criativa; Autoria narrativa; e Problemática da realidade.

Dimensão do cuidado

Defende-se aqui a “pedagogia do cuidado”, ou seja, reafirma-se a importância da dimensão do cuidado como elemento fundamental do processo de humanização na educação. Nos ambientes ricos em tecnologia da Educação Digital é preciso desenvolver a ética do cuidado, do cuidado de si e do cuidado com o outro.

O cuidado, enquanto dimensão ética, implica em uma relação de estar junto, de alteridade, de reconhecer o outro como parte de si próprio e de um todo, de ser e estar no mundo e com o outro. Este conceito procura resgatar, antes de tudo, a dimensão ética na educação, colocando o ser humano, as relações humanas, a solidariedade como prioridades de fato e de direito na prática educativa.

O papel do docente é o de provocar a reflexão no aluno sobre o conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo, “formando cidadãos reflexivos, autônomos e participativos”, o docente é, antes de tudo, aquele que acompanha o aluno no processo, mais do que aquele que dita normas. (KAHLMAYER-MERTENS, 2008)

Em ambientes de aprendizagem, por exemplo, a dimensão do cuidado ocorre pela presença do educador em acompanhar a trajetória dos estudantes, em fazer parte de um processo de aprendizagem o mais enriquecedor possível, e também, no desenvolvimento da aprendizagem entre pares, na solidariedade, na ajuda-mútua, na colaboração entre os estudantes para que cada um alcance seus objetivos de aprendizagem.

Diálogo colaborativo

Para Freire (1987, p.45) “o diálogo é uma exigência existencial”, é o encontro dos homens e mulheres no mundo, para transformá-lo. E neste sentido o diálogo não pode ser instrumento de dominação ou imposição de ideias. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.44).

“[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.” (FREIRE, 1987, p.39)

O diálogo, portanto, é base para a interação e colaboração. As descobertas, histórias e experiências vividas e compartilhadas pelos sujeitos no convívio em rede seriam elementos essenciais na ampliação e manutenção destas redes de aprendizagem (SCHELLER, VIALI, LAHM, 2014).

“A educação no contexto digital deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção de história. E, aqui,

devemos ser todos sujeitos aprendizes, solidários num projeto comum de construção de uma sociedade na qual não exista mais a palavra do explorador e do explorado.” (GOMEZ, 2004, p.23)

Em ambientes de ensino-aprendizagem diversos, a presença do diálogo é fundamental para o processo de humanização. É a partir do diálogo, horizontalizado, não hierarquizado, que cada um pode expressar-se com seus medos, desejos, subjetividades e histórias. É na relação dialógica, nas contradições, nas convergências, na fala e na escuta de si próprio e dos demais, que a elaboração necessária à aprendizagem ocorre.

Liberdade criativa

A liberdade é uma condição vital para a espécie humana. É a partir dela que homens, livres, interagem e constroem novos conhecimentos e práticas. Embora não possa haver liberdade absoluta, ou seja, sempre estamos com níveis relativos de liberdade, sua importância no processo educativo contemporâneo é fundamental.

“[...] a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. (FREIRE, 1987, p. 67).

Embora muito apregoada, a liberdade e a criatividade são continuamente desestimuladas nas práticas educativas hegemônicas que privilegiam a obediência e a reprodução. O esforço em construir ambientes com estímulo à liberdade, à autonomia, à escolha consciente e à criatividade dos alunos e professores são fundamentais para a humanização da educação. Metodologias ativas que permitam diferentes caminhos, personalização e flexibilização dos itinerários formativos são fundamentais neste processo empoderamento, auto-estima e autonomia dos estudantes.

Autoria Narrativa

“Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta — narrar, sempre narrar.” (FREIRE, 1987, p.39)

A crítica de educadores humanistas tem sido com relação ao monólogo narrativo de professores, a aula expositiva narrativa onde apenas a história do conteúdo que é ensinado teria valor. Nos meios digitais essa narrativa pode ainda ser mais empobrecida pela repetição ao longo do tempo da mesma vídeo aula.

Uma das chaves para a existência da Educação Digital Humanizada é a valorização da narrativa dos sujeitos da aprendizagem. Professores e estudantes devem ter valorizadas suas histórias de aprendizagem, seus erros e acertos, sua autobiografia, sua trajetória pessoal e intransferível de aprendizagem. A riqueza destas narrativas está em seu processo de criação e elaboração, reside em sua autoria, em sua constante re-criação.

Ser autor de sua própria narrativa, implica, simbolicamente, em ser autor de sua própria vida. Ao colocar-se em perspectiva no mundo, o sujeito que aprende historiciza sua relação com o mundo.

Cada pessoa carrega sua própria história, e essa história, carregada de emoções, saberes e experiências, interfere em seu processo de aprendizagem. Ferramentas como portfólios, blogs, wikis e fóruns podem ser espaços importantes para atividades que valorizem a autoria e a narração das histórias de aprendizagem.

Problematização da realidade

“Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo.” (FREIRE, 1987, p.39)

O ato de problematizar o mundo que nos cerca é fundamental para o processo de reflexão e ação sobre a realidade. A problematização da realidade humaniza a educação, no sentido do ser humano encontrar sua plenitude ao agir conscientemente na transformação do mundo. Ao analisar a realidade, pensar e agir sobre ela, o ser humano passa a ser sujeito ativo de sua vida, autor de sua história, do ponto de vista individual e social.

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1987, p.44).

Diversas abordagens metodológicas ativas podem ser utilizadas em ambientes ricos em tecnologia. Metodologia da Problematização com o arco de Maguerez, Aprendizagem baseada em problemas, Aprendizagem por Projetos entre outras podem desafiar os estudantes a pensarem sua realidade concreta, a região onde estão inseridos, realizarem pesquisas, apropriarem-se de conceitos e conteúdos a fim de proporem soluções e atuarem no enfrentamento de problemas da realidade, na transformação social.

III-Conclusão

A educação digital possibilita um grande incremento de qualidade no processo de ensino-aprendizagem formal e informal. Por sua fluidez com relação ao espaço-tempo, pelas características do espaço virtual, pela facilidade de interação, instituições as mais variadas,

comunidades, grupos, educadores e estudantes podem beneficiar-se de ferramentas, atividades e processos dos mais altos níveis cognitivos, afetivos e psicomotores.

A Educação Digital Humanizada procura qualificar a educação digital, de modo a contribuir para a reinvenção de formas de aprendizagem mais cooperativas e solidárias, gerando inteligência coletiva a partir da interação entre as pessoas, com suas múltiplas histórias, diferentes saberes, interesses e trajetórias.

Referências

- BARROS, F.B.M. Educação digital humanizada e metodologia da problematização na agenda educação 2030. In López-García, C., & Manso, J. (Eds.), **Transforming education for a changing world**. (pp. 203-211). Eindhoven, NL: Adaya Press, 2018.
- BORGES, L.F.P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul/set. 2017
- FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, M.V. **Educação em Rede – Uma visão emancipadora**. Cortez. Instituto Paulo Freire, 2004.
- KAHLMeyer-MERTENS, R.S. Cuidado, educação e singularidade: ideias para um filosofia da educação com bases Heideggerianas. **Princípios**, Natal, v.15,n.24, p.209 a 223 jul/dez 2008.
- SCHELLER, M., VIALI, L. LAHM, R. A aprendizagem no contexto das tecnologias: uma reflexão para os dias atuais. **CINTED - Novas Tecnologias na Educação**. V. 12 N° 2, dezembro, 2014
- TREVISAN, A.L, AMARAL R.G. A Taxionomia revisada de Bloom aplicada à avaliação: um estudo de provas escritas de Matemática. **Ciênc. Educ., Bauru**, v. 22, n. 2, p. 451-464, 2016 Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v22n2/1516-7313-ciedu-22-02-0451.pdf>